

CONTRIBUIÇÕES DO USO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NO ENSINO

Albio Fabian Melchiorretto¹
Miriam Carla Raasch²

RESUMO

Este artigo olha para as novas mídias apresentando as possíveis contribuições do uso das Redes Sociais Virtuais como uma ferramenta pedagógica, no caso delimitando o uso para o Twitter. A apresentação dar-se-á por meio de uma reflexão das diversas maneiras que as redes sociais virtuais podem contribuir para o ensino perpassando o problema conceitual, a descrição da ferramenta e, por fim, as possibilidades de uso. As redes sociais virtuais podem contribuir como uma plataforma para além daquilo que se propõe como um espaço para debate; construção colaborativa do conhecimento e desenvolvimento de competências. Com isso é retomada a ideia grega de ágora, porém no espaço virtual apresentando um paradoxo temporal construído a partir de algumas possibilidades de interação próprias da ferramenta apresentada.

1. Especialista, *e-mail*:
albio.melchiorretto@
sc.senai.br
2. Especialista, *e-mail*:
miriamcraasch@
gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Mídias. Redes Sociais Virtuais. Twitter. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

O mundo atual está num processo constante de virtualização, mas na contramão desse processo ainda encontramos uma realidade escolar restrita ao lápis e papel, o que fica mais evidente quando pensamos na Educação Básica. Segundo Lévy (1996, p. 12) “um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência”. O currículo e o modelo estrutural das escolas ainda estão diante do paradigma lápis/papel e sentem inúmeras dificuldades para se adequar ao novo status estabelecido. Adequar-se ao processo significa adaptar-se à inclusão digital e pensá-la de forma diferente da cogitada há meia década.

Ao pensar as novas possibilidades no ambiente escolar, é preciso levar em conta que “não se trata apenas de ter acesso à tecnologia (...) [mas como o] sujeito se comporta no meio *online*

e de como pode trazer essa tecnologia para tirar benefícios próprios” (VALENTE, 2011, p. 14), neste caso, obter benefícios no processo de ensino. Diante desses pressupostos, refletir sobre a inclusão das Redes Sociais Virtuais e, conseqüentemente, a inclusão digital, torna-se algo óbvio para entender a realidade circundante dos estudantes. Porém, para pensar o texto de maneira didática, é necessário um recorte e o próprio título já denota como ele será feito. Ao falar em Redes Sociais Virtuais, estamos falando de infinitas possibilidades de uso. Aqui se faz necessária outra delimitação. Para Graton; Haythornthaite; Welmann citados por Recuero (2009, p. 15) “quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações é uma rede social”. Diante dessa complexidade, o artigo delimita a ferramenta do Twitter como uma possibilidade investigativa e formativa em mídia-educação.

2 REDES SOCIAIS VIRTUAIS

O que se faz necessário para iniciar e bem conduzir esta reflexão é o apontamento de alguns pressupostos norteadores e delimitações de ordem conceitual e metodológicas. Esses pressupostos servirão como justificativa para entender o caminho que parte de um contexto geral – uso das mídias, no caso a mídia informática – afunilando para o uso das Redes Sociais Virtuais – e, dentro delas, a ferramenta escolhida – e sua finalidade dentro de uma disciplina específica para um

nível de educação. A primeira conceituação olhará para a origem etimológica do conceito de mídias, seguindo pela ideia de mídias na educação a partir de uma leitura de Moran (2006) e, por último, a definição do Twitter (www.twitter.com), que será a Rede Social Virtual analisada para essa reflexão. Depois de feita esta introdução, o texto seguirá com os referenciais que fundamentam a pesquisa. A origem etimológica é marcada por Houaiss e Villar (2001).



O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa aponta que a origem etimológica do verbete mídias possui uma raiz inglesa e outra latina. Da raiz inglesa, mídia deriva de *media* como uma forma reduzida de *mass media*, na qual *media* refere-se aos meios enquanto comunicação. Essa expressão, segundo o dicionário, exporta-se, de modo especial ao Brasil, por conta do amplo uso em agências de propagandas comerciais. Já na origem latina encontramos mídia derivada de *media*, *medius*, que significa meio, mas meio enquanto um instrumento mediador ou um elemento intermediário, não necessariamente ligado estritamente ao conceito de comunicação como a origem inglesa sugere (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 584). O significado latino amplia consideravelmente o uso do termo. Para fins estruturais, o texto usará a definição apresentada por Santaella (2003, p. 25) que

afirma que “mídias são meios; e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através das quais transitam”. A definição aqui se ocupa do registro de origem inglesa e perpassa a instrumentalização da raiz latina do verbete.

Apropriando-se do conceito de mídia como “meio”, Moran (2007) sugere pensá-lo como ideia de interlocução.

O autor diz que os meios são interlocutores constantes e reconhecidos pela maioria da população. E aqui cabe pensar a mídia em conjunto com a educação. Para isso, a definição de mídia na educação seria o tomar da definição apontada por Santaella (2003) visando a utilização dos meios como um instrumento agregador no processo de ensino. Seguindo a ideia de Moran (2007), não há como separar a questão do ensino com a questão das mídias. Para o autor, “a escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto” (p. 163).

A citação de Moran não tem o objetivo de discutir ou apontar, neste momento, os aspectos positivos ou negativos, apenas salientar o uso da mídia como um processo agregador, como já mencionado. Seguindo ainda a ideia do autor, a mídia na educação é um processo com contribuições que permitem o uso de ferramentas tecnológicas para “mostrar várias formas de captar e mostrar o mesmo objeto, representando-o sob ângulos e meios diferentes”. (MORAN, 2007, p. 164).

A INTRODUÇÃO SOCIAL DAS MÍDIAS NÃO ESTÁ FECHADA NUM CAMPO PRÓPRIO. SEGUNDO SANTAELLA (2013), COM A INTRODUÇÃO DOS MICROCOMPUTADORES NO MERCADO DOMÉSTICO OS LEITORES E ESPECTADORES COMEÇAM A SE TRANSFORMAR EM USUÁRIOS.

Essa passagem marca uma mudança atitudinal diante daquilo que é dado e apresentado. O modo de interação com as mídias deixa de obedecer a um caráter hierárquico vertical e passa a assumir um modo bidirecional. À medida que o usuário começa a aprender a trabalhar com as novas tecnologias, ele também transforma alguns hábitos e a transposição dessa transformação para o campo educacional é algo dado também.

Para Durkheim (1979, p. 81), “o homem que a educação deve realizar, em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja; e ela o quer conforme o reclame a sua economia interna, o seu equilíbrio”. O autor destaca que vivemos num espaço geográfico onde a sociedade prevalece sobre o indivíduo e ela é que traz o conjunto normativo e constituinte de equilíbrio para os sujeitos. Então a educação não seria diferente. A transformação apontada por Santaella é vivenciada na educação a partir da justificativa apontada por Durkheim.



Nasce a cultura da velocidade e das redes e a necessidade de humanizar a relação entre o usuário interativo e as máquinas. Nesse espaço de mudanças cada um pode tornar-se produtor, criador e apresentador de seus próprios conteúdos. E sem querer apresentar nenhum juízo de valor, esse processo de produção, criação e apresentação independe do caráter de verdade. Um espaço verdadeiramente público que está em permanente construção e expansão. E não podemos deixar de apontar que a transformação midiática dada a partir dos anos de 1980 nos conduz ao processo de conversão de mídias que possibilita “em um único aparelho do tamanho de um palmo, todos esses serviços estão ali de uma só vez” (ZUIN, 2010, p. 14). Aqui entra um desafio ao profissional do ensino: pensar a cultura das mídias no ensino não é pensar a ferramenta apenas, mas é pensar os intercursos sociais, o conjunto e a tipologia da linguagem que estes meios oferecem.

3 O TWITTER

As redes sociais sempre fizeram parte da história do ser humano. O fenômeno que hoje vulgarmente chamamos de Redes Sociais são as ferramentas de relacionamentos, onde desde o começo deste artigo foram designadas de Redes Sociais Virtuais e que Santaella (2013) chama de Redes Sociais da Web 2.0. Essas redes frutificam podendo ser acessadas e atualizadas pelos mais diferentes dispositivos conectados na rede. Portanto, estão em permanente construção.

As possibilidades de Redes Sociais Virtuais são gigantescas. Por questões óbvias uma delimitação se faz necessária, justificando a escolha do Twitter¹ como ferramenta para esta reflexão. O Twitter é um serviço de origem norte-americano criado em Março de 2006 pela empresa Obvious. Cinco meses depois da sua criação ele é tornado público para uso por meio da Internet. O serviço é gratuito e caracterizado como um “microblog” com acesso em diferentes plataformas conectadas à Internet. Para Shirakashi (2007), um microblog é uma ferramenta que permite atualizações rápidas e curtas e é resultante de uma mistura, ou uma convergência entre blog com o serviço de mensagens instantâneas e *short message service* (SMS)². No caso, o Twitter permite postagens de até 140 caracteres que são chamados de tweets. Os *tweets* são mostrados na página do autor e, grosso modo, enviados para as páginas dos seus *followers*³. Esse ato caracteriza o Twitter como uma Rede Social Virtual colaborativa de relacionamento, os chamados de *networkings*.

As mensagens enviadas pelo autor possuem duas classificações: de perfis abertos e perfis fechados. Nos perfis abertos qualquer pessoa, independente de seguidor ou não, pode visualizar o conteúdo das postagens; nos perfis fechados apenas os seguidores autorizados pelo autor possuem acesso ao conteúdo de atualização do microblog. Para Lemos (2007), o Twitter surge com o objetivo de instigar o usuário a responder à questão proposta na sua página inicial: *what's happening?*⁴

Antes de chegar a esta questão, Chollet (2011) afirma que devido à plasticidade da questão inicial (o que você está fazendo agora?) a empresa sentiu a necessidade de recriar a provocação chegando à questão atual. A primeira pergunta criada, segundo a autora, “não era muito eficiente para gerar fluxos de informações emocionantes” (p. 36).

A NOVA QUESTÃO PROPÕE UMA AÇÃO ALÉM DO FAZER, ELA ABRE A POSSIBILIDADE PARA OS USUÁRIOS EXPLORAREM O TWITTER ATRAVÉS DE UMA FUNÇÃO SOCIAL, COMO UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO INSTANTÂNEA, TAMBÉM A USANDO COMO UMA FONTE DE DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS, FATOS, COMPARTILHAMENTO DE VÍDEOS, FOTOS OU ARQUIVOS DIVERSOS, ENFIM, HÁ INÚMERAS POSSIBILIDADES DE USO DA FERRAMENTA.

¹ <http://www.twitter.com>.

² Serviços de mensagens instantâneas através de dispositivos móveis.

³ Seguidores.

⁴ O que está acontecendo?



Além das questões apontadas por Lemos (2007) e Chollet (2011), o Twitter permite também acompanhar eventos em tempo real, retuitar⁵ e directmessenger⁶. Os *tweets* podem ser rotulados através de *hashtags*(#)⁷ formando uma rede através do conteúdo de discussão. As atualizações podem ser feitas por meio do *site*, por aplicativos *web*, mensagens instantâneas ou ferramentas disponíveis nas mais diferentes plataformas que permitem uma conexão à Internet.

4 AS POSSIBILIDADES DE USO

Apresentadas as definições de mídia e do Twitter, faz-se necessária uma reflexão acerca dos processos virtuais que envolvem a utilização da mídia informática - na qual o Twitter está inserido - no processo de ensino, justificando a necessidade do tema. O primeiro apontamento que deve ser feito para conduzir a reflexão acerca da inclusão da mídia informática no processo de ensino é a questão: por que incluir tais meios no processo?

Para responder à questão, Sorg (2011) afirma que há pesquisas, tanto da Fundação Carlos Chagas como da UNESCO, que apontam que o uso de tecnologias em sala de aula contribui para a melhoria da qualidade do ensino. O referido autor ainda afirma que o sucesso depende de como a tecnologia é usada. Não basta inserir tecnologia digitalizada em substituição aos meios já utilizados, é preciso um processo de inclusão digital profundo. Esse processo torna os agentes participantes em sujeitos do processo. Esta

pesquisa não visa a discutir a implantação da tecnologia, mas apontar como um instrumento específico, no caso o Twitter, pode contribuir da melhor maneira possível para o ensino de uma disciplina. O apontamento de Sorg (2011) corrobora as ideias de Santaella quando descreve a interatividade e ação bidirecional do uso das Redes Sociais Virtuais.

Para Aristóteles (1998) o homem é, por natureza, um ser que vive dentro da polis⁸. A condição de vivência é retratada desde a história antiga, através das mais diferentes manifestações necessárias para a organização dos indivíduos dentro de um espaço social, o que constitui uma rede social. Pensando nas condições da mídia virtualizada, encontramos aspectos de vivência em redes sociais politizadas que há tempos são representadas por simuladores de convívio metassocial da mídia informatizada, conforme observa Lévy (1999).

⁵ O termo original em inglês é *retweet*, porém, por conta do “abrasileiramento” do vocábulo e de seu uso nas Redes Sociais Virtuais, o texto usará a expressão retuitar que designa a ação de um usuário ao republicar o tweets de outro usuário, acrescentando ou não algum comentário.

⁶ Direct Messenger ou simplesmente “dm” são mensagens privadas trocadas entre os usuários do Twitter. Estas mensagens somente estão acessíveis aos sujeitos envolvidos na troca.

⁷ As *hashtags* (#) são “etiquetas” que marcam um assunto que está em debate, ou simplesmente palavras chaves ou, ainda, marcadores. As etiquetas são utilizadas na frente das palavras, por exemplo, #TEMAEMDEBATE. O uso de *hashtags* facilita a busca de um termo específico durante seu uso em debate e limita a pesquisa do termo em si e do uso dele sem a marcação (nota do autor).

⁸ Segundo Vernant (2002), pólis (*πολις*), significa cidade, espaço urbano. É preciso ter em mente que ao afirmar cidade ou espaço urbano em Aristóteles estamos falando de um cidadão que viveu, provavelmente entre 384 a 322 a.C.

Esses convívios estão sintetizados em ações específicas das Redes Sociais Virtuais que fazem circular uma quantidade, quase que imensurável, de microconteúdos ou microinformações, muitas vezes sem avaliar a relevância. Porém não é objetivo discutir aqui a problemática do excesso de informação e sua relevância de maneira geral. O foco é a questão: as ferramentas virtuais como o Twitter podem ser usadas em ambientes educacionais? Pimentel et al. (2010) aponta que tal possibilidade existe, pois tal meio visa a atender uma demanda de comunicação rápida bem como atualizações constantes e imediatas de informações contribuindo para uma educação formal e informal. O Twitter não é um meio educacional em si, mas pode ser usado para tal fim, assim como outros meios dentro do espaço virtual o são.

O Twitter está num espaço de atualizações constantes e imediatas que refletem uma nova tendência profissional observada por Lévy na obra *Cibercultura*. Ao falar da atualidade, o autor afirma que “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas no início de sua carreira profissional estão obsoletas no fim de sua carreira” (LÉVY, 1999, p. 157). Isso se reflete não só no caráter finalista ou imediatista das informações, mas no uso de um mecanismo virtual, enquanto ferramenta técnica, capaz de possibilitar uma constante proximidade entre sujeito e interlocutor no contexto de atualização e informações – uma ação bidirecional. Sendo assim, há uma ligação entre a proposta de Lévy (1999) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) quando esta afirma que os princípios e fins da educação nacional visam à vinculação do educando com o mercado de trabalho e a prática social. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos

princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, Lei nº 9.394, Art. 2). Então, a inserção de tais meios é uma obrigação – embora a palavra seja forte – das instituições de ensino, sem mensurar a urgência dela dentro da educação profissional.

Nessa perspectiva, o Twitter poderá trazer contribuições significativas por conta das características objetivas e coletivas na construção colaborativa e na difusão das informações. Lévy (1999, p. 158) afirma que “devemos construir novos modelos de espaço dos conhecimentos” e o Twitter representa um meio próprio para esse novo modelo.



“A *World Wide Web* é um fluxo” (LÉVY, 1999, p. 160). Esse fluxo não tem fechamento dinâmico ou estrutural, é algo que se expande e se transforma constantemente. Dentro desse ciberuniverso, onde há um fluxo constante, deve-se estabelecer alguns pressupostos previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 1996. No primeiro artigo a lei estabelece que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, Lei nº 9.394, Art. 1).

Logo, a discussão, o fluxo e o ciberuniverso da *World Wide Web* fazem parte do universo escolar e este deve estar atento à realidade circundante que o forma. Desprezar esse contexto é desprezar a educação, haja vista a relação estabelecida entre contexto e educação apontada por Durkheim (1979) citado anteriormente.

O que se pretendeu mostrar até aqui é que a inclusão digital pode carregar consigo uma

melhoria na qualidade de ensino. E no caso específico do Twitter, pode contribuir para um novo modelo de difusão e de construção da informação, conforme observado por Bauman (2011), quando diz que vivemos num momento de constante liquidez. Esta especificidade é escolhida a partir de um sentido de pertencimento cultural do ciberuniverso dos sujeitos que fazem parte das instituições de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Curtir, seguir, compartilhar, postar, retuitar, deletar são verbos que estão presentes no espaço virtual e em nossa realidade circundante e não podem ser desprezados no universo pedagógico. Porém, o espaço virtual exemplifica um meio que não se solidifica, mas sim, um espaço da liquidez, onde tudo se dilui, as mudanças são rápidas e o Twitter mostra-se como uma ferramenta de comunicação, interação, de seguir e ser seguido, representando e evidenciando a rapidez das mudanças. O Twitter pode ser também uma ferramenta para ensinar, o que é apenas uma afirmação experimental e propositiva, não conclusiva. Não é uma afirmação que se fecha em si mesma, mas abre as portas para discussões futuras. Discussões que podem não apenas focar no Twitter, mas em qualquer outra ferramenta que permita a criação de uma Rede Social Virtual e o uso dela como ferramenta pedagógica.

A Internet constitui algo próprio no nosso cotidiano. Trazer o que é circundante do estudante para o ensino não é reduzir o ensino ao senso-comum, mas instrumentalizar aquilo que faz parte do dia a dia, a fim de construir elementos que permitam uma reflexão adequada ao exercício da cidadania e uma melhor preparação para o ingresso ao mercado de trabalho.

Essa melhor preparação se estrutura sobre um debate entre o formal e o informal. A escola, enquanto entidade estabelecida, preocupa-se com o formal e com a manutenção do tradicional enquanto que os elementos externos trazidos das Redes Sociais Virtuais mostram-se a partir de elementos informais. O debate aqui vai para além do formal e do informal, pois é **um debate representativo entre a tradição e a transformação**. A inovação e a introdução de mecanismos como o Twitter no ensino faz pensar nesses choques. O ensino não pode continuar reproduzindo um modelo estrutural tradicional ignorando as novas possibilidades e o novo contexto que está estabelecido, mesmo que esse contexto seja efêmero e transitório. O uso das redes sociais virtuais dentro dos espaços de ensino podem contribuir para uma construção significativa do conteúdo, que lá está inserido e que é, por natureza, mais atraente aos sujeitos partícipes, embora seja necessário enfatizar **que as redes sociais virtuais em si não constituem um ambiente pedagógico, mas se pensadas podem ser acrescentadas como um adendo ao pedagógico**. Esse acrescentar depende da maneira como será projetado e planejado o plano de ensino-aprendizagem. O uso das redes sociais

virtuais ou de qualquer outra mídia dentro do ensino sem planejamento está fadado a repetir erros que por ora vem se perpetuando dentro das paredes escolares.

Mas para que pode servir então o Twitter? Para além dos “muros” da escola, a ferramenta pode servir como uma fonte de notícias, divulgação de dados, eventos, interação e, claro, para responder a pergunta motivadora para a qual a ferramenta se propõe, “o que está acontecendo?”.

O TWITTER PODE CONTRIBUIR, MAS DEVE SER PLANEJADO PARA ISSO, OBSERVANDO-SE A ESPECIFICIDADE DAS UNIDADES CURRICULARES.

O Twitter não é um instrumento que permite ao usuário a informação pronta, mas é uma possibilidade de construção através dos inúmeros fragmentos limitados a 140 caracteres que circulam a ferramenta.

Então, após os apontamentos desta reflexão, é possível afirmar que o Twitter pode contribuir com discussões gerais trazendo para o espaço de ensino questões variadas; instrumentalizando o estudante através das referências que lá estão dadas; proporcionando uma interação entre os

mais diferentes sujeitos do ensino, do universo escolar, da política, da ética, dos conteúdos de uma maneira geral; como um espaço para a divulgação de informações, ideias, conhecimento; como um repensar dos espaços públicos e privados. Tudo isto se constitui ultrapassando os “muros” da educação formal e tradicional.

Diante desse contexto, é possível dizer que o Twitter pode contribuir para o ensino e a grande contribuição para tal é a ideia de usar a timeline como a ágora grega⁹, construindo uma ágora virtual.

A ideia da ágora virtual pode representar um espaço de domínio dos estudantes. Ao estarmos num tempo de liquidez, a contraproposta é usar os espaços líquidos para pensarmos ética, cidadania, mercado de trabalho e, dentro dele, a postura de sujeitos que buscam sair de um estado de menoridade para atingir a maioridade kantiana¹⁰. O que o Twitter apresenta são muitas possibilidades que podem ser construídas através das ferramentas de menção (@) marcação (#) e busca. Essas possibilidades auxiliam na construção de um referencial de instrumentalização dos estudantes. E por meio das marcações é possível disseminar informações e dados de conteúdo que são significativos. E com estas informações e conteúdos poder-se-á construir não apenas uma rede social virtual, mas sim uma ágora virtual.



⁹ Segundo Vernant (2002), a ágora (*αγορα*) é a praça pública onde se debatiam os problemas de interesse comum do povo grego. O local próprio do interesse público, onde os cidadãos discutiam aquilo que pertenciam a todos na polis (*πολις*), uma espécie de encontro de cidadãos gregos antigos.

¹⁰ A maioridade em Kant consiste em sair do estado de menoridade na qual o homem (enquanto humanidade) se encontra, e ele é o próprio culpado do estado de menoridade. Para o autor, a “menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a orientação de outro indivíduo” (KANT, 1985, p. 100). A maioridade, então, seria o estado de esclarecimento – *aufklärung*, ou a saída do homem de sua menoridade.

CONTRIBUTIONS OF THE USE OF VIRTUAL SOCIAL NETWORKS TO EDUCATION

ABSTRACT

This article looks at new media presenting the possible contributions of the use of Virtual Social Networks as a tool for pedagogical use, in this case, limited to the use of Twitter. The presentation will take place by means of a reflection of the various ways that virtual social networks can contribute to teaching permeating the conceptual problem, the description of the tool, and finally, the possibilities of use. Virtual social networks can contribute as a platform beyond what it is proposed as a space for debate; collaborative knowledge building and skills development. With that, the idea of the Greek ágora is taken back, but in a virtual space by presenting a temporal paradox constructed from some possibilities of interaction characteristic of the presented tool.

Key-words: Media. Virtual Social Networks. Twitter. Education.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Política*. 2. Ed. Clássicos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 24 dez. 1996. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 out. 2013.
- CHOLLET, Mona. Twitter ou triunfo da plasticidade. *Revista Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, Copyleft, ano 5. n. 51, p. 36-37, out. 2011.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. 6. Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1979.
- HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. In: *Textos Seletos*; Petrópolis: Vozes, 1985, p. 100-117 (Textos clássicos do pensamento humano/2).
- LEMOS, Lúcia. *O poder do discurso na cultura digital: o caso Twitter*. Artigo apresentado na 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso (JIED), realizada em Maringá, em março de 2008. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/caligrama/n_10/06_lemos.pdf>, acesso em 11 jul. 2001.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- MORAN, José Manuel. *Desafios na Comunicação Pessoal*. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Albio Fabian Melchiorretto



Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) com Especialização em Gestão Escolar pelo Serviço de Aprendizagem Comercial

(SENAC/SC). Especialização em Filosofia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e Especialização em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atualmente é mestrando em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) no qual pesquisa o uso das Redes Sociais Virtuais na Educação. É colaborador da revista “Filosofia, Ciência e Vida” e articulista do *site* Esporte e Mídia. Atua no SENAI/SC Blumenau desde 2008 com passagens pelo Ensino Médio, Aprendizagem Profissional e Qualificação Profissional lecionando disciplinas da área de Filosofia e Ética e Cidadania. Atualmente, é Facilitador de Tecnologias Educacionais.

PIMENTEL, Fernando Sílvio C. et al. Microblogs e seu potencial de uso em Educação. *Revista EDAPECI*, n. 6, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.edapeci-ufs.net/revista/ojs-2.2.3/index.php>>. Acesso em: 21 abr. 2011.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SANTAELLA, Lucia. Comunicação e educação: desafios da atualidade. *Anais da 10ª JORNATEC* (Jornada Catarinense de Tecnologia Educacional). Florianópolis: SESC/SC, p. 47-59, 2013.

_____. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, dezembro, 2003.

SHIRAKASHI, Renato. *O Twitter e suas postagens de 140 caracteres*. 2007. Disponível em: <<http://www.webinsider.uol.com.br>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

SORG, Letícia. Sociedade e Educação: a lição digital. *Revista Época*, Rio de Janeiro, Editora Globo, ed. 683, p. 58-65, jun. 2011.

VALENTE, José Armando. O medo de olhar pra frente. *Carta na Escola*, São Paulo, n. 56, p.14-17, maio 2011. Entrevista.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. São Paulo: Difel, 2002.

ZUIN, Lúcia. A persistência de Gutenberg. *Revista Casper*. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 14-17, dez. 2010.

Data de recebimento: 23/09/13

Data de aprovação: 17/12/14



Miriam Carla Raasch

Pedagoga com habilitação em Orientação Educacional, graduada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Especialista em Psicopedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Atuou como Orientadora Educacional no Educandário Imaculada Conceição

em Florianópolis. Foi Assistente Técnica Pedagógica do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Padre Maurício em Blumenau. Também atuou como Coordenadora Pedagógica dos Cursos de Aprendizagem Industrial e interlocutora do Programa SENAI de Ações Inclusivas (PSAI) no SENAI/SC em Blumenau e Coordenadora Pedagógica dos Cursos Técnicos e Ensino Médio no SENAI/SC em Palhoça/São José. Atualmente é Orientadora de Curso do SENAC/SC.

REDE SENAI/SC DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

SOLUÇÕES INOVADORAS PARA A
SUA INDÚSTRIA CRESCER FORTE
E COMPETITIVA

